



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso II
Professora: Dra. Manuella Castelo Branco Pessoa

O TRABALHO DE JOVENS NEGROS GARÇONS E GARÇONETES À LUZ DA ERGOLOGIA

Monique Araújo de Freitas

João Pessoa,

Dezembro de 2021

Monique Araújo de Freitas

**O TRABALHO DE JOVENS NEGROS GARÇONS E GARÇONETES À LUZ DA
ERGOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso II com fins acadêmicos e para obtenção de conhecimento a respeito do tema, apresentando como orientadora a Professora Dra. Manuella Castelo Branco Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba, no Departamento de Psicologia, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

João Pessoa,
Dezembro de 2021

Sumário

INTRODUÇÃO	4
A juventude e o mercado de trabalho	6
As dramáticas da atividade de garçom	8
METODOLOGIA	10
Participantes	10
Instrumentos	11
Procedimentos	11
Análise de dados.....	11
RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
Caracterização dos jovens	12
Trajetória de Trabalho	13
Dramáticas da atividade	15
Sentido do trabalho.....	22
Saúde do trabalhador	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	30

O TRABALHO DE JOVENS NEGROS GARÇONS E GARÇONETES À LUZ DA ERGOLOGIA

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo geral analisar as dramáticas envolvidas na atividade de trabalho de jovens negros como garçons e garçonetes. Em relação a metodologia, o lócus da pesquisa foram estabelecimentos da cidade de João Pessoa, e os participantes foram cinco jovens, dois homens e três mulheres, que se encontram na faixa etária de 18 a 29 anos. Utilizou-se como instrumentos, uma entrevista semiestruturada, que ocorreu no formato remoto, e o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), e para análise dos dados, foi realizada a análise de conteúdo temática, com as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. A partir disso, identificou-se que os jovens participantes vivenciam experiências laborais desde cedo, conciliando trabalho e estudo, também contribuem nas despesas de casa, cada jovem realiza a atividade de maneira única, com escolhas sendo feitas a partir das variabilidades do ambiente de trabalho, e a saúde desses trabalhadores, seja no âmbito físico ou mental, é afetada pela atividade de trabalho que realizam. Portanto, a partir desse estudo, foi possível identificar como cada trabalhador faz o uso de si, e que questões de classe, raça e gênero ainda influenciam a trajetória da juventude no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Juventude negra; Garçons; Juventude e trabalho; Ergologia.

INTRODUÇÃO

A juventude brasileira é retratada pela literatura e estatísticas nacionais como aquela que estuda e trabalha. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2020) no Brasil, 30% dos jovens entre 15 e 24 anos estão em busca de uma ocupação. Ainda, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com o atual cenário da pandemia do Covid-19 a taxa média de desemprego aumentou de 11,9% em 2019 para 13,5% no ano de 2020. Logo, os dados mostram que a juventude foi o segmento mais afetado pelo desemprego no quarto trimestre de 2020, com jovens de 18 a 24 anos (29,8%) e de 25 a 39 anos (13,9%).

A pesquisa do IBGE também demonstra que houve uma distinção na taxa de desocupação entre homens e mulheres, de forma que o percentual para os homens foi de 11,9% e para as

mulheres 16,4%. Ainda, foi possível identificar as diferenças das taxas de desocupação no que se refere a raça, com um número de 17,2% para os negros, 25,8% para pardos e para brancos 11,5%, demonstrando que os jovens negros são que os mais apresentam dificuldade para o ingresso no mercado de trabalho (IBGE, 2020). Dessa forma, Pedroso e Gisi (2020) mostram que a juventude vem sofrendo consequências nos âmbitos sociais e econômicos que podem levar essa classe à impactos negativos que se instalem a longo prazo marcando a trajetória profissional, contribuindo para uma maior acentuação da desigualdade social já existente.

Estudos como os de Silva e Kassouf (2002); Silva, Galeto e Bastista (2020) apontam que a juventude enfrenta muitos desafios para o ingresso no mercado de trabalho, e essa dificuldade de inserção se dá de forma mais intensa, principalmente nos jovens negros e negras. Além da procura de emprego, da busca por qualificações profissionais, de persistência no ensino e até mesmo no mercado, os jovens negros sofrem racismo e a esse grupo existem especificidades de maneira que oportunidades se tornam mais difíceis quando comparado a possibilidades para jovens brancos (Santos & Scopinho, 2011).

Ademais da dificuldade para ingressar no mercado de trabalho, estes vivenciam situações mais pauperizadas. Autores como Souza e Lussi (2019) trazem que a condição racial é um resultado de um processo histórico da sociedade e leva a precarização dessa juventude no mercado, muitas vezes ocupando as atividades que são menos reconhecidas e valorizadas. Ainda, estudos como o Dias (2014), e Damasceno e Zanello (2018) explicitam que muitos jovens negros vivenciam um sofrimento mental, que é resultado da acentuada desigualdade social existente, influenciando também na qualidade de vida. Logo, estes jovens estão mais propensos a inserções precarizadas, falta de garantias e de direitos, ao baixo reconhecimento na sociedade, à insegurança, a intensificação do trabalho, dentre outros aspectos (Diniz, Souza, Carrieri & Barreto, 2013).

Dessa forma, se propor a estudar os jovens trabalhadores garçons se mostra importante como forma de conhecer a realidade vivenciada por esses jovens diante de um cenário de exclusão marcado por níveis crescentes de desemprego e precarização. Nesse sentido, tem-se como objetivo analisar as dramáticas envolvidas na atividade de trabalho de jovens negros inseridos como garçons e garçonetes. Para tal, será utilizada como base teórica a ergologia, que tem como finalidade compreender a realidade da atividade laboral, possibilitando uma organização dessa atividade com o intuito de deixá-la mais eficaz, englobando os fatores econômicos, sociais e humanos (Durrive & Schwartz, 2008; Trinquet, 2010).

A juventude e o mercado de trabalho

O Estatuto da Juventude estabelece a faixa etária dos jovens compreendida dos 15 a 29 anos e segundo Souza e Lussi (2019), juventude é um conceito construído a partir do fator social e que apresenta uma relação de acordo com o local no qual o jovem está inserido. Tendo como atividade-guia¹ do desenvolvimento o trabalho, como apontam Leal e Mascagna (2016), a inserção no mundo do trabalho não acontece da mesma forma para todo o segmento juvenil, uma vez que os jovens que pertencem a classe mais pauperizada entram no mundo do trabalho mais cedo e como consequência finaliza a juventude mais cedo do que aqueles jovens que não trabalham. Se por um lado o trabalho é encarado como obrigação social, demandando responsabilidade e através dele surge a possibilidade de se tornar digno, por outro, não estar empregado, pode significar vivenciar esse processo de exclusão do mercado de trabalho podendo acarretar sentimentos de inferioridade e inutilidade no sujeito (Carrano, 2000; Santos & Scopinho, 2011).

¹ Transformações vivenciadas no desenvolvimento humano, e que também se referem a mudanças que acontecem na estrutura do comportamento do sujeito.

De acordo com Gouveia (2019) precarização do trabalho é um fator que gera uma crise na subjetividade humana, de maneira que faz o indivíduo se submeter a diversas formas de trabalho em busca da sobrevivência, e leva o sujeito a apresentar sentimento de insegurança em relação ao seu futuro, além de sentimentos como frustração, incompetência. Diante disso, esse contexto de precarização alcança a juventude com marcas de instabilidade e relações informais que passam a ser presentes na vida desses jovens.

A questão da dificuldade de jovens negros ingressarem no mercado de trabalho é resultado de uma construção histórica na sociedade, de maneira que as representações sobre o negro eram elaboradas e internalizadas a partir de uma sociedade racista, determinadas a partir de quais os papéis sociais que cabiam aos negros, que somente conseguiam ocupar cargos subalternos, pois indicavam o lugar marginal que eles pertenciam na sociedade (Santos & Scopinho, 2011). A partir disso, ainda hoje a condição racial faz com que os negros apresentem uma maior instabilidade e precariedade no mercado de trabalho em relação aos brancos. Dessa forma, no que se refere ao aspecto das desigualdades sociais, é fundamental entender que essa discrepância entre os diferentes grupos sociais influencia na saúde do sujeito (Souza & Lussi, 2019).

Com a relação saúde e trabalho dos jovens, alguns estudos mostram que a juventude é mais propensa a serem vítimas de opressão nos locais de trabalho e a se inserir em atividades menos valorizadas, assim a saúde está intrinsecamente ligada a aspectos sociais e segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS): “um ambiente que respeite e proteja os direitos básicos civis, políticos, socioeconômicos e culturais é fundamental para a promoção da saúde mental” (OMS, 2016). Logo, o mundo do trabalho pode incluir sofrimentos de diferentes esferas, seja na saúde física ou mental e interferir também nos aspectos sociais como as relações interpessoais que o sujeito constrói ao longo da vida (Souza & Lussi, 2019). E quando se há uma referência aos jovens negros, esses

vivem de maneira intensa um sofrimento mental, seja por apresentarem precárias condições de vida, resultado da desigualdade social, seja por não se ter uma boa perspectiva de futuro (Damasceno & Zanello, 2018).

As dramáticas da atividade de garçom

Diante da sociedade capitalista, o trabalho possui uma dialética, de forma que ao mesmo tempo que é um agente de inclusão de indivíduos na sociedade, que está associado ao aspecto de formação e constituição do sujeito, é por outro lado um fator de “inclusão perversa” no capitalismo, pois acaba se tornando um gerador de sofrimento. Na perspectiva ergológica o conceito de trabalho para Durrive (2011) se relaciona com a dialética existente entre o que é colocado para o indivíduo realizar, a partir do que está no plano conceitual, do protocolo com as normas para serem seguidas, e o que as circunstâncias do momento levam o sujeito a pensar e executar a atividade de trabalho de maneira diferente. Essa nova forma de realizar o trabalho tem influência dos saberes e valores que cada indivíduo possui, sendo esse processo de apropriação de normas para modificá-las denominado renormalização.

Conforme Diniz, Souza & Barreto (2013) dentre os diferentes trabalhos existentes, existem aqueles que apresentam um grande nível de discriminação, uma vez que são vistos socialmente como de menor valor, caracterizando o que se denomina de trabalho invisível, associado não somente a trabalhos precarizados, mas também ao real do trabalho, e esse é o caso dos trabalhos que exigem um maior esforço físico para serem realizados, tendo como exemplo os trabalhadores braçais. Para Kunis, Cruz e Checchia (2007), esse baixo status social se refere a dicotomia entre o trabalho braçal e o trabalho intelectual resultante da divisão do trabalho.

De acordo com a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (ABRASEL), os profissionais garçons fazem parte de uma parcela significativa dos empregados no setor da

economia referente à alimentação fora do lar, empregando cerca de seis milhões de pessoas no país. E pela Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho, as atividades de cozinheiros, garçons, *barmen* e semelhantes, se encontram entre as que mais geraram postos de trabalho nos anos 90 no Brasil, e Estudos de Econômica do Turismo colocam esse trabalho como promovedor de ascensão socioeconômica no país (ABRASEL-MG, 2009).

Segundo Pacheco (2005) houve uma modificação no perfil dos garçons nesses últimos anos, e essas mudanças não estão relacionadas somente a questão desse trabalho como provisório ou como uma fonte alternativa de renda, mas também a aspectos da rentabilidade financeira quando se faz uma associação entre o baixo grau de instrução e a obtenção de conhecimento fundamental para exercer essa atividade. Ao contrário da visão do senso comum que coloca a profissão do garçom como desqualificada, que não é preciso habilidades e saberes específicos, Barbosa (2015) coloca a importância e a necessidade da agilidade mental, do senso de organização, criatividade no desempenho das atividades diárias, equilíbrio, coordenação, ser comunicativo, conhecer a diversidade dos alimentos, ou seja, a atividade de garçom envolve aspectos de diferentes âmbitos.

Diante de tais dramáticas, se faz necessário olhar para a experiência que engloba um aspecto subjetivo, pois também através dela constitui-se a identidade do sujeito. Experiência e atividade são elementos que estão intimamente ligados, pois a experiência atravessa a atividade, e é na atividade que o coletivo se estabelece em cada indivíduo (Mata, Oliveira & Barros, 2017). Nesse sentido, dramática está relacionada a questão de que no trabalho sempre haverá escolhas a serem tomadas frequentemente, e na realização dessas escolhas há diversos riscos, seja de desagradar, de cometer algum erro, dentre outros. Sendo assim, ao fazer a escolha o sujeito escolhe

a si mesmo e assume os resultados de dessas escolhas, que são particulares de cada indivíduo, e baseada nas experiências e vivências de cada um (Schwartz, Duc, & Durrive, 2010).

A definição dos usos de si se relaciona a reestruturação da atividade de trabalho, ou seja, a renormalização, pois o trabalhador constantemente vai executando a atividade de trabalho de outra forma, e essa nova organização se associa a forma como o sujeito sente e ver o mundo (Holz & Bianco, 2014). Dessa maneira, a atividade de trabalho permite ao sujeito desenvolver saberes, que vão auxiliar o trabalhador a saber enfrentar situações que são ameaçadoras, e esse processo acontece de forma singular, de acordo com a história e particularidade de cada um (Mata et al., 2017).

O corpo si está relacionado a questão de que o sujeito não é um ser delimitado e definido, e a experiência do limite do corpo é produto de um saber singular, pessoal e subjetivo de cada indivíduo, e esse saber está associado no sujeito da experiência, que demonstra a sua forma única de estar no mundo. Conforme Mata et al. (2017), dois fatores que podem estar relacionados à experiência é a saúde e a doença, de forma que esses fatores estão ligados à capacidade do indivíduo de responder a diversas situações ameaçadoras. A experiência da doença, os seus aspectos corporais, orgânicos e psíquicos, leva o sujeito a um processo de reflexão, gera angústia, e ao compreender o seu sofrimento, isso pode ser afetado no corpo, e isso pode refletir na trajetória de vida, restringindo sua condição de sujeito. Logo, se questiona: como as experiências laborais de jovens negros garçons refletem em seus corpos?

METODOLOGIA

Participantes

O lócus da presente pesquisa foram estabelecimentos na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba, que apresentam trabalhadores jovens negros garçons. O público-alvo desse estudo foram cinco jovens negros e negras que trabalham como garçons e garçonetes, que estão na faixa

etária de 18 a 29 anos. Os nomes verdadeiros foram preservados, sendo utilizado para cada jovem um nome fictício, escolhido pela própria pesquisadora

Instrumentos

Para construção dos dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada, tomada como um roteiro norteador baseado no objetivo do estudo, e segundo Minayo (2010) com esse modelo o sujeito entrevistado é convidado a responder de forma mais complexa e livremente os questionamentos do pesquisador, com a finalidade de explorar o conteúdo colocado pelo indivíduo. É importante destacar que também foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Procedimentos

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética, respeitando todos os passos determinados pela Resolução Nº 466/2012 do Ministério da Saúde (MS, 2012), que versa sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Inicialmente o contato com os jovens ocorreu a partir de visitas aos estabelecimentos, porém, as entrevistas foram realizadas no formato remoto, através de vídeochamadas e com o consentimento dos participantes, foram gravadas, e posteriormente transcritas.

Análise de dados

Para análise dos dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo Temática, que conforme Minayo (2010) se baseia em encontrar descobrir os núcleos de sentido que constituem uma comunicação, de maneira que a presença ou a frequência tenha algum significado para o objeto analítico estudado. Foram realizadas três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Na etapa de pré- análise, a leitura flutuante permite um contato direto com o material de campo e isso possibilita a elaboração de uma dinâmica entre as hipóteses levantadas, trazendo assim certa estruturação entre as ideias. Já na constituição do corpus

há uma ênfase em responder as normas de validade qualitativa da exaustividade, representatividade, homogeneidade e permanência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na análise de conteúdo temática, emergiram 4 temas: (1) Caracterização dos jovens; (2) Trajetória de trabalho; (3) Dramáticas da atividade; e (4) Ações realizadas. A partir dos temas foi possível também realizar uma categorização de forma a aprofundar a análise do material coletado. Para fins de melhor compreender esse material, os dados analisados seguem organizados tendo os temas como subtópicos.

Caracterização dos jovens

Os e as jovens entrevistados/as se identificaram como pardos e negros e tiveram uma trajetória em que a busca por emprego começou desde cedo, e junto a isso, todos em um certo período conciliaram o estudo e o trabalho. Como mostra a tabela 1 que segue:

Tabela 1. Caracterização dos jovens

Nome	Sexo	Idade	Raça	Escolaridade	Renda
Mauro	Masculino	26	Parda	Médio Completo	R\$2.500,00
Sara	Feminino	22	Negra	Superior Incompleto	R\$1.700,00
Rayane	Feminino	19	Parda	Fundamental Incompleto	R\$1.500,00
Diana	Feminino	25	Negra	Médio Completo	R\$4.500,00
Antônio	Masculino	22	Preta	Médio Incompleto	R\$5.000,00

Segundo Carrano (2000), grande parte dos jovens vivenciam a escola e o trabalho não como etapas consecutivas, mas sim como simultâneas. Isso demonstra a importância de destacar que um aspecto fundamental para compreender a interação e a visão do jovem sobre o mundo e com outras pessoas é a relação que esse jovem constrói e elabora a partir do seu trabalho, que influencia no desenvolvimento psicossocial do sujeito (Abrantes & Bulhões, 2016).

Trajetória de Trabalho

O surgimento desse tema se deu a partir das vivências desses jovens no mundo do trabalho e como ocorreu o processo de inserção no mercado, acontecendo de maneira singular para cada um. A partir disso, emergiram quatro categorias: *trabalho infantil*, *contribuição para renda familiar*, *trabalho e educação*, e *renda complementar*. A categoria *trabalho infantil* se refere ao fato de como determinada jovem teve a sua infância marcada pela inserção precoce no mundo do trabalho, como trazido na fala de Rayane:

Eu comecei a trabalhar vendendo frutas na feira, desde 8 anos...trabalhei já ajudando um senhor no mercadinho, nos meus 10 anos, botando na prateleira, mercadinho pequenininho sabe?! Depois eu trabalhei com uma mulher ajudando a guardar as coisas, que ela vendia batata frita, trabalhei também pra minha mãe, que ela botou um negócio de pastel e eu vendia. (Rayane, 19 anos).

Segundo Alberto e Santos (2011) a inserção do indivíduo de maneira precoce no trabalho, apresenta como uma das razões, a existência da necessidade financeira, mas também uma cultura que favorece e estimula a inserção das crianças no mundo do trabalho. Logo, precisam conciliar com a escola, vivenciam uma rotina mais cansativa, o que pode trazer consequências para o seu processo de desenvolvimento e prejudicar a sua compreensão do mundo, assim como também influenciam no rendimento escolar, levando-as muitas vezes a abandonar os estudos. Os dados aqui expostos revelam um histórico de pauperização entre os jovens entrevistados, e como apontam Leal e Mascagna (2016), estes são justamente os que ingressam no mundo do trabalho mais precocemente e como resultado disso finalizam a juventude mais cedo do que aqueles jovens que não trabalham.

A segunda categoria, *contribuição para renda familiar* versa sobre a necessidade que os jovens entrevistados relataram de colaborar com as despesas da casa, ajudando como podem. As histórias trouxeram elementos relacionados também ao dinheiro recebido ser totalmente direcionado a sobrevivência da família, tendo o jovem como um dos principais responsáveis pelo sustento, como colocado nos relatos trazidos pelas entrevistadas: *“Meu primeiro emprego foi praticamente ajudando a minha mãe mesmo (...) Há uns dois anos, ela sofreu um acidente e fraturou um braço e aí eu fiquei no serviço dela, naquela mesma situação, o dinheiro que recebia ficava pra ela”* (Sara, 22 anos). E por Rayane: *“Quando eu terminava de trabalhar, dava dinheiro a minha avó, fora as frutas que eu ganhava na feira, depois do expediente na feira, eu fazia as verdurinhas, os pacotinhos de 1,00 e saía na carroça pra ir vender”*.

A categoria *trabalho e educação*, revela que na trajetória de vida dos jovens trabalhadores que participaram da entrevista, todos em um dado momento trabalhavam e estudavam, relatando sobre a conciliação desses elementos, como pode-se perceber na fala de Diana: *“Estudava e trabalhava, inclusive estudava pra concurso na época, só que quem trabalha a noite, principalmente em bar, não tem muito tempo pra estudar, então ou você estuda ou você trabalha, é assim. Também destaca-se a fala de Antônio: “Trabalhava de dia e estudava a noite. Era complicado, porque era o dia todinho trabalhando aí cansava, o dia de folga era um só, aí era o dia de estudar, era muito difícil. Teve um tempo que não consegui mais conciliar”*.

Conforme Thomé, Pereira e Koller (2016) e Leal e Mascagna (2016), as oportunidades não são dadas de forma igualitária para toda a juventude, de forma que principalmente jovens negros e pobres, se inserem mais cedo no mundo do trabalho, e muitas vezes precisam aliar estudo e trabalho, o que não ocorre com grande parte da juventude branca, que possuem a oportunidade de se dedicarem grande parte do seu tempo somente aos estudos.

A quarta categoria do tema, *renda complementar*, se define pela execução de uma outra atividade de trabalho além da atividade de garçom que são realizadas por esses jovens, como foi relatado por dois jovens que em um dado momento conciliam ou conciliaram dois trabalhos: “*Além do trabalho de garçonete eu vendo ainda minhas máscaras, minhas roupas.*” (Rayane, 19 anos); “*Eu trabalhava de motoboy, mas eu parei, era muito arriscado aí eu parei [...] Eu simplesmente não aguentei*” (Antônio, 22 anos).

As falas apresentadas pelos jovens corroboram com os estudos de Gouveia (2019) ao colocar que precarização do trabalho é um fator que gera uma crise na subjetividade humana, de maneira que faz o indivíduo se submeter a diversas formas de trabalho em busca da sobrevivência, e leva o sujeito a apresentar sentimento de insegurança em relação ao seu futuro, além de sentimentos como frustração, incompetência. Diante disso, esse contexto de precarização alcança a juventude com marcas de instabilidade e relações informais que passam a ser presentes na vida desses jovens.

Dramáticas da atividade

A elaboração desse tema ocorreu a partir da descrição da atividade de trabalho desses jovens como garçons e garçonetes, e a partir disso foi possível identificar que cada jovem realiza a atividade de uma forma diferente, por mais que seja a mesma atividade de trabalho, cada trabalhador tem sua maneira de agir e de fazer o uso de si. A categoria *normas* consiste no que é colocado para o trabalhador realizar a sua atividade, contudo, em todo trabalho sempre vai existir fatores que não tem como prever, exigindo do trabalhador novas formas e estratégias para a realização da atividade. Na fala de Antônio a seguir pode-se observar o que está prescrito do trabalho:

No trabalho que tenho que chegar 20 minutos antes, meu horário é de 17:00 até meia noite, mas chego umas 16:40, chego, organizo tudo, mesas, cadeiras, encho os tubos, deixo tudo organizado e espero abrir. Aí quando abre, vou atender, praticamente faço tudo, chapa, cachorro-quente. Minha carteira tá assinada só como uma coisa, como atendente, mas pra mim lá é serviço geral, eu faço tudo. Faço pedido, pediu suco, vou lá, faço suco, é tipo, tem dia que eu sou uma coisa e tem dia que eu sou outra coisa, tipo no sábado sou garçom e domingo sou cachorro-quente, faço cachorro-quente. (Antônio, 22 anos).

Como toda atividade de trabalho está suscetível a imprevistos e à infidelidade do meio, o trabalhador começa a modificar as normas antecedentes, de maneira que essa nova elaboração está de acordo com a subjetividade de cada sujeito, processo esse denominado de renormalização, e que tem a finalidade de controlar as variabilidades que se manifestam (Durrive & Schwartz, 2008; Oliveira & Brito, 2011). Antônio, assim como os demais jovens, acaba sendo submetido a funções que não lhe caberiam dentro dos contratos firmados e prescrições, o que demonstra o processo de precarização o qual estão submetidos.

Segundo Swchwartz (2000b como citado em Oliveira & Brito, 2011, p.277), para que o sujeito consiga contornar os imprevistos que surgem, as escolhas por parte do trabalhador são fundamentais, de forma que somente as instruções que são passadas não conseguem dar conta das intercorrências do meio. E assim, a renormalização, a recriação da atividade, acontece para uma nova adaptação ao meio, até mesmo para a formação de novas regras. A experiência de trabalho, a vivência cotidiana, já demonstra para esses trabalhadores algumas dicas do que será exigido deles a depender do dia, o que pode ser visto no que foi relatado por Mauro: *“Geralmente no final de semana é um pouco mais corrido, se na sexta foi muito movimentada no sábado não vai ser (...) o pessoal lá chama extra pra ajudar, cada um fica na sua praça”*.

Já para Sara esses imprevistos envolviam mais mobilização e situações de assédio, como relata: *“Isso me deixava com muita raiva, prejudicava meu trabalho porque eu não queria perder aquele cliente, eu pedia: não quero atender aquela pessoa”*. Revelando que a renormalização vinha através do pacto que fazia com os garçons do sexo masculino, para que atendessem os clientes que a importunavam. Como afirmam Durrive e Schwartz (2008), um debate de normas conduz a outras maneiras de ver as coisas, a outras perspectivas para viver e agir em conjunto, e essa foi a saída encontrada por eles, a reserva de alternativas. Mesmo contando com a solidariedade dos colegas, é impossível não apontar as situações de machismo as quais é submetida em seu trabalho, mostrando aí os atravessamentos de gênero e raça.

A categoria *usos de si por si e pelos outros* possibilitou identificar a forma como cada trabalhador faz esses usos, já que toda atividade de trabalho exige que o trabalhador faça o uso de si por si próprio e por outros trabalhadores a partir das normas e renormatizações, de acordo com o seus valores e saberes. São relatos que revelam uma rotina pesada, que começa antes mesmo da abertura do estabelecimento, envolvendo também momentos de formação a partir da experiência, indo desde uma prática de auxílio ou ajuda, até estarem aptos a trabalhar oficialmente no estabelecimento. Isso pode ser percebido nas falas a seguir:

Eu realizo meu trabalho da seguinte forma, como muitos pensam que a gente chega e já tudo pronto, só é abrir as portas e atender, não é. A gente organiza, a gente varre, a gente limpa, a gente lava, a gente deixa tudo em ordem, monta as mesas, monta as cadeiras, lava salão, varre salão, tem banheiro, deixa o banheiro intacto, enfim, tem tudo isso pra gente poder abrir as portas e realizar o atendimento (Diana, 25 anos).

Assim como eles foram ensinados pelos patrões, agora ocupam também o lugar do que ensina aos trabalhadores que chegam para trabalhar apenas no fim de semana, ou seja, se tornaram

também os responsáveis por passar o ofício, transmitir as regras: “É como o dono fala, eu sou um faz tudo lá” (Diana, 25 anos) e “E aí com o tempo eu fui pegando jeito, porque pra eu me manter lá, eu tinha que aprender tudo da pizzaria” (Sara, 22 anos). Assim, como apontam Rizzi, Bianco e Souza (2020), o trabalhador elabora estratégias conforme os seus valores e crenças com a finalidade de saber lidar com os desafios do seu trabalho e se adaptar ao seu meio, que sempre vai exigir o uso de si, que requer escolhas a serem feitas pelo trabalhador e que podem ter determinadas consequências, e na decisão dessas escolhas, o sujeito faz o uso de si conforme ele mesmo e com os outros.

A partir das falas trazidas, se nota que o uso de si por si e pelos outros é um processo que ocorre de forma singular e em determinado momento, de maneira que a atividade não consegue ser executada do mesmo modo por outro sujeito em outra circunstância, pois em cada meio a realização da atividade de trabalho é única. Além disso, para Durauffourg, Duc, & Durrive (2010 como citado em Rizzi, Bianco, & Souza, 2020, p.764), é uma troca entre o trabalhador e o trabalho, em que o indivíduo utiliza dos seus valores, saberes e princípios adquiridos ao longo da vida para a realização da sua atividade de trabalho. Logo, toda atividade de trabalho carrega um drama para o trabalhador, que necessita fazer escolhas, e que muitas vezes entram em conflito com os valores e com aquilo que o sujeito acredita, e assim se dá as dramáticas dos usos de si, e as estratégias criadas por esses trabalhadores podem ser vistas posteriormente:

No local onde eu tô agora não passei por constrangimento não, mas em outros locais já passei, de o cliente xingar, tá estressado assim e xingar a pessoa, esculhambar, já aconteceu já [...] eu tento encarar numa boa, num tento levar pro coração não, pra o sentimental não, eu tento levar numa boa, o máximo que der né? (Mauro, 26 anos).

Graças a Deus eu acho que esse tempo todinho que eu tô lá (no trabalho) uma ou duas pessoas reclama pelo fato da demora, demora de pedido, as vezes por exemplo, cerveja tem que tá estupidamente gelada, mofada, então se não tiver é motivo de reclamação, então assim, são coisas que não tão ao meu alcance, eu só faço atender e é o que falo pros clientes: gente me desculpe eu só faço atender, eu tô aqui pra servir. Aí sempre é jogo de cintura, se você souber conversar, saber conquistar aquele cliente, a demora é só aquele detalhezinho besta. (Diana, 25 anos).

Portanto, as dramáticas estão relacionadas as escolhas que são feitas constantemente pelos trabalhadores no ambiente de trabalho, aos debates das normas, as adversidades que surgem no meio, em que é preciso saber lidar com essas instabilidades e dramas que muitas vezes ocorrem pelo surgimento de valores incoerentes com os valores do sujeito trabalhador (Athayde & Brito, 2011). No caso dos e das jovens aqui entrevistados, as estratégias passam pelo âmbito de tentar explicar a atividade, o que lhe compete como garçom, mas também pela tentativa de agradar de outras formas, de explicar ao cliente a situação.

Já a categoria *impedimentos* consiste nas dificuldades que aparecem no meio de trabalho e na realização das atividades dos jovens garçons e como esses trabalhadores agem diante desses impedimentos. São revelados aspectos relacionados a estrutura dos estabelecimentos (escadas, descer e subir com bandejas e copos em grande quantidade), a quantidade de cliente incompatível com a quantidade de garçom disponível para realizar a atividade, gerando uma sobrecarga e cansaço, mas a questão central para eles se deu a partir da relação com o cliente:

A parte difícil pra mim é lidar com os clientes, os clientes são muito ignorantes, é difícil de lidar, tem que ter paciência e calma. A gente como garçom lá faz vários tipos de trabalho, mas dá pra levar.” (Antônio, 22 anos).

Pra mim é o cansaço. Quando está muito lotado, fica muito pedido, a gente acaba esquecendo, as vezes acontece algum acidente, e tem clientes que não entende né? quando você tenta se comunicar, tem que ser muito educado, tem muitos clientes que as vezes chega até a xingar (Rayane, 19 anos).

Com esses relatos, percebe-se algumas situações que são vivenciadas pelos jovens trabalhadores e que dificultam a atividade realizada por eles, que de uma forma geral estão ligadas à questão dos clientes, principalmente sobre como esses clientes os tratam. Segundo Oliveira e Brito (2011), é importante a criação de estratégias por parte dos trabalhadores, para conseguirem lidar com essas dificuldades, fazendo o uso de si, a partir dos seus valores e de sua história, de maneira que a elaboração dessas novas formas de enfrentar essas situações está relacionada à saúde desse trabalhador.

Além disso, o que foi relatado pelos jovens nas entrevistas em relação ao tratamento hostil dos clientes, valida os estudos de Diniz, Souza e Barreto (2013), que afirmam que dentre os diferentes trabalhos, existem aqueles que apresentam um grande nível de discriminação, uma vez que são vistos socialmente como de menor valor, o que é denominado de trabalho invisível. Isso também fica demonstrado na categoria *constrangimentos* se refere a alguns acontecimentos que já ocorreram durante a realização da atividade dos jovens trabalhadores que foram entrevistados. Todos e todas citam elementos advindos das relações com os clientes, mas no caso das mulheres estes se aprofundam:

Olha, em relação aos clientes, principalmente os clientes homens, a gente mulher acaba escutando muita coisa, muita piada, muita liberdade da parte deles, então de fato é o que mais me incomodava. Eu acabei pedindo um avental pra poder ficar melhor (Sara, 22 anos).

Fora os homens, tem muitos homens que fica olhando você, tem um cara lá que a gente, a outra menina que tava lá também, ele ficava olhando, a gente já chegou a cortar, porém ele continua descaradamente olhando, e a gente se incomoda com isso né? porque é uma coisa muita chata. (Rayane, 19 anos).

Quando ele foi pedir a conta aí foi que ele meio que induziu a relações de atividades sexuais, no caso pra sair dali, me deu 50,00 reais e disse: olha, isso aqui é pra você. Como gorjeta né? Vamos pra outro canto. (Diana, 25 anos).

Nos relatos das três mulheres, os constrangimentos estão relacionados ao assédio que essas garçonetes presenciaram e ainda vivenciam no seu ambiente de trabalho. E conforme Oliveira e Brito (2011), os constrangimentos podem gerar no sujeito frustração e sofrimento, levando também ao adoecimento, dificultando o reconhecimento do trabalho pelo trabalhador, o que afeta diretamente a construção do sentido do trabalho para o sujeito. As relações de gênero e raça estão postas, a presença do assédio sexual no ambiente de trabalho, sendo enfatizada pelas trabalhadoras o comportamento e as atitudes hostis dos homens, diretamente associada ao aspecto cultural. (Fukuda, 2012)

Nas falas essas situações de assédio só foram relatadas por trabalhadoras mulheres, os homens não relataram vivenciar situações como essa, o que nos remete que sempre coube ao homem o papel de conquistador, de forma que as atitudes realizadas por eles nunca são fonte de questionamento, sendo ações atribuídas como positivas, o que possibilita confirmar a masculinidade (Andrade & Assis, 2018). Já com relação às mulheres, a essas são atribuídas o papel da submissão, o que fazem os homens executarem e apresentarem esse tipo de comportamento abusivo, que já é uma herança do Brasil Colonial em que os senhores viam a escrava mulata como objeto sexual, e já se praticava o assédio.

Sentido do trabalho

Esse tema emergiu a partir das falas dos jovens sobre o que é o trabalho para cada um deles e qual a percepção que eles têm sobre como os outros enxergam a atividade de trabalho que eles executam. E a partir disso, foram formadas cinco categorias: *centralidade do trabalho, oportunidade, reconhecimento e não reconhecimento, autonomia e necessidade, e projeto de vida*. A forma como cada trabalhador percebe o seu trabalho acontece em uma esfera muito particular, pois é um processo que está diretamente relacionado às experiências que o indivíduo vivencia, ou seja, é uma produção pessoal que constitui a identidade e subjetividade do sujeito. Ainda, o sentido do trabalho se associa com o contexto sócio-histórico, sendo um fator que está sempre se modificando, e que afeta as formas de atividade laboral, pois atinge os valores e as crenças do trabalhador (Tolfo & Piccinini, 2007).

A categoria *centralidade do trabalho* se refere ao quão importante é o trabalho na vida do sujeito, sendo as falas dos jovens trabalhadores voltadas para a questão do trabalho como sendo uma obrigação e como uma parte constituinte do sujeito como citado nos trechos: “*É tipo assim, hoje em dia o brasileiro tem obrigação de trabalhar, querendo ou não, não tem outra forma, se não trabalhar não sobrevive, então é bem dizer tudo.*” (Mauro, 26 anos) ou na fala de Diana: “*Na verdade, trabalhar, ninguém gosta de trabalhar né? isso é a verdade, a gente trabalha porque precisa*”. (Diana, 25 anos).

Os jovens revelam em suas falas a princípio, o cansaço desse trabalho precarizado e sem garantias, baseado na necessidade de sobrevivência e acesso a bens de consumo. Isso aponta para a necessidade de compreender a sua atividade de trabalho como fator integrador dele enquanto sujeito e um ser social, como apontam Tolfo e Piccinini (2007). A transitoriedade na qual enxergam esse emprego está expressa na fala deles, a exemplo a de Diana: “*É algo que eu digo a*

todo mundo, que se um dia eu sair do bar que eu tô hoje em dia pra trabalhar em outro canto eu não volto mais pra essa profissão”. No caso dela ainda há o agravante dos frequentes assédios que sofre por ser mulher negra.

Já a categoria *oportunidade*, consiste no fato de que os jovens percebem a sua atividade de trabalho como sendo de caráter temporário, desempenhando a atividade seja porque não conseguiram outro trabalho, ou porque apresentam outros planos para o futuro, e enxerga esse trabalho como uma possibilidade de concretizar os planos. Trazem em suas falas os desafios da baixa escolarização, como aponta Mauro: *“Pra quem não tem um curso de outra profissão assim... fica mais complicado de arrumar, então pra mim sempre apareceu oportunidade de garçom, então é uma oportunidade que eu tô abraçando”*. Os relatos dos e das jovens entrevistados e entrevistadas, corroboram com os estudos de Diniz, Souza, Carrieri e Barreto (2013) e Leal e Mascagna (2016), quando afirmam que o ingresso do jovem no mercado de trabalho não ocorre de maneira natural, sendo influenciada pelas condições sociais e econômicas vivenciadas pelo indivíduo, principalmente pela situação instável que predomina no mundo do trabalho.

A outra categoria remeteu-se a *reconhecimento e não reconhecimento*, sendo observado no discurso dos jovens que eles reconhecem a importância do seu trabalho e tem as pessoas que consideram fundamental e que reconhecem o trabalho de cada um, por exemplo: *“Teve até um que chamou meu chefe lá, eu até pensei que tinha feito alguma coisa errada, e ele disse: olhe tá de parabéns, atende bem demais, olhe você ganhou um fã”* (Diana, 25 anos).

Entretanto, relatam que muitas pessoas não reconhecem o trabalho deles, para além do não reconhecimento, demonstrou-se também relações de poder e situações vexatórias:

Chegou situações de o cliente, porque a gente serve, põe e os copos e se o cliente pedir refrigerante a gente deixa lá, e aí chegou uma situação de o cliente olhar para o meu colega

e dizer: me sirva. Ou seja, você tá ali como funcionário, você não é obrigado a ser submisso ao cliente, você não é empregado dele. Faça que eu tô mandando, que tô pagando, que esse dinheiro aqui vai pagar o seu salário. (Sara, 22 anos).

Tem muita gente ignorante, tem pessoas que não vê como um trabalho essencial, aahhh é só mais uma empregada, é só isso e aquilo, ah tá aqui pra me servir mesmo, é tipo esse olhar, não tem aquele respeito, são poucas pessoas que tem o respeito. (Diana, 25 anos).

Com essas colocações, pode-se perceber que os sentidos que os jovens atribuem ao seu trabalho como oportunidade e como obrigação se relacionam também ao fato de como o seu trabalho é enxergado na sociedade. Nesse caso, fica evidente as questões de subserviência atreladas a atividade de garçom, pensar: quem serve? Qual a posição de quem é servido? Isso remete a exploração de uma classe por outra, combinadas as formas de opressão que aprofundam essa exploração, opressão patriarcal e racial nesse caso (Pablito, 2021).

Outra categoria que surgiu a partir dos relatos dos jovens, *autonomia e necessidade*, foi sobre a independência financeira possibilitada pelo trabalho, sendo colocado nas falas que o trabalho traz a autonomia financeira para poder comprar as coisas pessoais: “*Trabalhar pra mim é uma forma de eu poder me sentir mais livre digamos assim, porque se eu quero comprar alguma coisa eu não preciso pedir*” (Sara, 22 anos) e “*Vou ali compro algo pra mim, tem que ser com meu suor, tem que ser com meu dinheiro, eu não vou simplesmente chegar e dizer: vó me der tanto*”. (Diana, 25 anos). Portanto, as falas dos jovens confirmam os achados de Santos e Scopinho (2011), que mostram que o desejo de consumo é uma das motivações que faz com que o jovem busque se inserir no mercado de trabalho, com a finalidade de alcançar a sua independência e autonomia financeira. Logo, o capitalismo exerce uma influência grandiosa na sociedade de forma que a capacidade de consumo e a independência estão intimamente ligados, provocando nos jovens essa

busca laboral, e essa vontade de se ter a própria independência vem fortemente ligado ao aspecto do consumo de determinado objeto.

A última categoria desse tema, *projeto de vida*, consiste nos planos que os jovens esperam do seu futuro, de forma que a atividade de trabalho como garçom é uma via que pode possibilitar a chegada e a concretização dos planos construídos por esses jovens, como pode ser percebido na seguinte fala:

Eu tento sempre buscar o futuro no trabalho, eu tô trabalhando no momento porque aconteceu umas coisas com as minhas roupas que eu tô vendendo, aí eu quero investir, eu quero fazer investimento alto e pra isso eu preciso trabalhar pra poder conseguir o valor que eu tô querendo e pagar umas contas também, por conta da pandemia e tudo mais eu tive que fazer. (Rayane, 19 anos).

A partir do que é colocado pela jovem trabalhadora, percebe-se que os projetos de vida estão voltados para o mundo do trabalho, e conseqüentemente para a inserção e permanência no mercado de trabalho, o que corrobora com os estudos de Abrantes e Bulhões (2016). Além disso, o projeto de vida está diretamente relacionado ao contexto sócio-histórico do qual o jovem faz parte, assim como também está associado aos valores que o sujeito constrói ao longo da vida, e tudo isso influencia nos resultados das escolhas que o jovem irá tomar e planejar para a sua vida (Sousa & Alves, 2019). Portanto, o projeto de vida está associado à uma perspectiva de futuro, e é a partir desse projeto que há a possibilidade de construção de um futuro almejado para si, e é através dele que o sujeito vai dando sentido à sua vida e às suas ações, constituindo a sua própria identidade (Mandelli, Soares & Lisboa, 2011).

Saúde do trabalhador

Esse tema possibilitou identificar como a atividade de trabalho influencia na saúde do jovem trabalhador, tanto no âmbito físico quanto no âmbito mental. E a partir disso, emergiram as categorias *saúde física e saúde mental*. Um ponto importante que deve ser enfatizado, é que apenas um dos jovens que foi entrevistado colocou que o trabalho não influencia na sua saúde, afirmando que todos possuem um tempo para cuidar da saúde, uma vez que só trabalham de dia ou noite, o que segundo ele daria tempo de praticar esportes no contraturno.

A categoria *saúde física* é composta a partir das falas dos jovens que colocam sobre como a atividade de trabalho influencia no aspecto físico da saúde, como dores no corpo por ter passado muito tempo em pé, dor de cabeça, e como o trabalho é exaustivo, e as relações com os turnos de trabalho, como afirma Diana: *“o pior turno que tem [a noite], assim na minha visão, porque é muito diferente você trabalhar o dia todo em pé, mas uma noite de sono é essencial”*. Além de ter sido citado por um jovem que o trabalho interferiu diretamente na sua alimentação, que passou a não ser saudável, o que lhe fez ganhar bastante peso, como pode ser observado nas falas a seguir:

Eu chego, e aí tenho que organizar alguma coisa pra eu comer, ou seja, vou dormir lá pra uma hora, aí me acordo, mal tenho tempo de organizar as coisas de casa, porque se eu for parar, eu vou chegar muito mais cansada do que eu taria no trabalho, então só acordo de dez horas, como alguma coisa, tomo banho e partiu de novo pra lá. É muito cansativo e exaustivo. (Rayane, 19 anos).

Lá a gente não tem janta, a janta lá é besteira, cachorro-quente e sanduíche, antes de eu entrar lá eu era um palito, hoje tô muito gordo. A saúde da gente prejudica muito, não tem uma janta boa, só é besteira. (Antônio, 22 anos).

Logo, essas falas corroboram com as pesquisas de Souza e Lussi (2019), que afirmam que o mundo do trabalho pode incluir sofrimentos de diferentes esferas, seja na saúde física ou mental, assim como interfere nos aspectos sociais e nas relações interpessoais que o sujeito constrói ao longo da vida. Ainda, dentro da perspectiva ergológica o trabalho está associado com a saúde quando se compreende que a saúde não é apenas um equilíbrio ou uma capacidade de se adaptar, mas a habilidade de introduzir novas normas ao longo da vida, sendo a saúde uma construção intencional na qual a atividade de trabalho exerce uma posição importante (Oliveira & Brito, 2011).

Já a categoria *saúde mental* possibilitou identificar como a esfera da saúde mental desses jovens é afetada, englobando questões como o estresse e interferência no sono. Ainda, duas jovens relataram sofrer transtorno de ansiedade e depressão, e que o trabalho muitas vezes era o causador do desenvolvimento de uma crise. Essas questões podem ser vistas nas falas abaixo:

Olha, o estresse, eu ficava muito estressada, questão de sono afetava muito, porque chegava tarde, aí pra dormir tinha dificuldade, ficava cansada. E o que acontece é que eu fazia o uso de remédio antidepressivo, só que eu não gosto de tomar, aí eu parei por conta própria de tomar (...) e aí o médico falava assim: tá aqui o antidepressivo e você use quando você não se sentir bem, quando você sentir necessidade. (Sara, 22 anos).

Quando tem muita gente, só tem duas pessoas pra atender lá fora e uma na cozinha, então é muito sobrecarregado e fica muito estresse, eu mesma sofro de depressão e transtorno de ansiedade, então isso só complica mais. Às vezes eu tenho crise de choro, por tudo, a gente se sente um pouco incapaz de não conseguir realizar tudo pros clientes. (Rayane, 19 anos).

Hoje em dia tô mais estressado, me estresso muito rápido, antes de eu entrar lá eu era mais calmo, hoje em dia tô estressado, tem que saber lidar calado, a pessoa fica guardando. Até pra trabalhar é ruim com o cara estressado. (Antônio, 22 anos).

Como foi mencionado pelos jovens, esses apresentam uma grande rotina de trabalho, e a subordinação desses trabalhadores a condições inadequadas do meio de trabalho, principalmente em questão ao ritmo exigido aos trabalhadores e as pressões que são exercidas sobre eles diariamente, são fatores que influenciam no sofrimento psíquico do sujeito (Sato & Bernardo, 2005). Portanto, o trabalho constitui uma dialética, pois ao mesmo tempo que ele promove no sujeito satisfação, alegria e prazer, por outro lado, também se torna um gerador de sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, buscou-se analisar as dramáticas envolvidas na atividade de trabalho de jovens negros garçons e garçonetes, tendo como base a ergologia, que tem o foco no trabalho real exercido pelo sujeito, com a finalidade de compreender a atividade de trabalho, e como o indivíduo age frente às dificuldades e às infidelidades do meio.

Sabe-se que a juventude ainda enfrenta muitas dificuldades com relação ao mercado de trabalho, de maneira que os jovens negros e negras que vivem em situações mais pauperizadas, experienciam mais fortemente essa realidade, mostrando que as questões como raça, gênero e classe perpassam essa problemática da inserção do jovem no mundo do trabalho. São jovens cujas trajetórias devida encontram-se marcadas por diversas experiências laborais, buscando desde cedo ingressar no mercado. Um outro tópico importante a ser destacado, é sobre os atravessamentos de gênero, que também foi possível identificar a partir das colocações das garçonetes sobre os episódios de machismo e assédio vivenciado no ambiente de trabalho.

Somado a isso, percebeu-se que por mais que todos e todas estejam inseridos/as na mesma profissão, cada um apresenta um modo de realizar a atividade de trabalho, que também é

constituída pela elaboração de estratégias, com o objetivo de que o sujeito consiga lidar com as variabilidades do ambiente de trabalho. Dessa forma, eles e elas criam novas regras à medida que se apropriam da sua atividade, sendo um processo subjetivo influenciado pelas crenças, valores, saberes e vivências de cada sujeito.

Portanto, os objetivos do presente estudo foram alcançados, conseguindo-se analisar as dramáticas da atividade, as dificuldades que esses trabalhadores enfrentam no seu ambiente de trabalho, como essa atividade exerce influência na saúde de cada jovem, seja no âmbito físico, quanto no mental, e como realizam os usos de si e como as experiências laborais refletem em seus corpos. Também, fazem-se necessárias mudanças e transformações nesse cenário que envolve os jovens e a inserção no mundo do trabalho, principalmente na efetivação das políticas públicas de emprego existentes para a juventude, com a finalidade de promover uma vida digna e que esses jovens tenham os seus direitos garantidos.

REFERÊNCIAS

- Abrantes, A. A., & Bulhões, L. (2016). Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes: juventude e trabalho. In: Martins, L. M., Abrantes, A. A., & Facci, M. G. D. (Orgs). *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico - do nascimento à velhice* (p. 241-265). Autores Associados.
- Alberto, M. F. P., & Santos, D. P. (2011). Trabalho infantil e desenvolvimento: reflexões à luz de Vigotski. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 209-218.
- Andrade, C. B., & Assis, S. G. (2018). Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 43(e11), 1-13.
- Associação Brasileira de Bares e Restaurantes de Minas Gerais (2009). *Números do segmento de alimentação fora do lar*. Mimeo
- Athayde, M., & Brito, J. (2011). Ergologia e clínica do trabalho. In P. F. Bendassolli & L. A. P. Soboll (Orgs.), *Clínicas do trabalho: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade* (p. 258-281). Atlas.
- Barbosa, P. F. S. (2015). Garçom. 1ª edição. Instituto Federal do Norte de Minas Gerais.
- Carrano, P. C. R. (2000). Juventude: as identidades são múltiplas. *Juventude, Educação e Sociedade*, 1, 52-72.
- Damasceno, M. G., & Zanello, V. M. L. (2018). Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica dos Últimos Quinze Anos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 450-464.
- Dias, M. D. A. (2014). JOVENS TRABALHADORAS E O SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO. *Psicologia e Sociedade*, 26(2), 93-102.
- Diniz, A. P. R., Carrieri, A. P., & Barros, A. N. (2013). INVISIBILIDADE SOCIAL E TRABALHO NOTURNO: REFLEXÕES A PARTIR DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GARÇONS. *Revista Gestão e Planejamento*, 13(1)18-38.

- Diniz, A. P. R., Souza, M. M. P., Carrieri, A. P., & Barreto, R. O. (2013). “SER GARÇOM NÃO É SOMENTE CARREGAR BANDEJA...” ESTRATÉGIAS DISCURSIVO-IDENTITÁRIAS DE GARÇONS. *Psicologia e Sociedade*, 25(3), 695-705.
- Durrive, L., & Schwartz, Y. (2008). Glossário da ergologia. *Laboreal*, 4(1), 1-11.
- Durrive, L. (2011). A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9(1), 47-67.
- Fukuda, R. F. (2012). Assédio Sexual: uma releitura a partir das relações de gênero. *Simbiótica*, único (1), 1-17.
- Gouveia, F. P. S. (2019). FACES DA PRECARIZAÇÃO DO MUNDO DO TRABALHO E A JUVENTUDE SOBRANTE. *Estudos IAT*, 4(1), 124-137.
- Holz, E. B., & Bianco, M. F. (2014). O conceito de trabalho na Ergologia: da representação à atividade. *Trabalho & Educação*, 23(2), 157-173.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020) Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua. *Mercado de Trabalho Brasileiro*. Agência de Notícias IBGE Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- Kunis, M., Cruz, S., & Checchia, M. A. (2007). Humilhação social: análise de uma experiência da desigualdade social. *ConScientiae Saúde*, 6(2), 313-322.
- Leal, Z. F. R. G., & Mascagna, G. C. (2016). Adolescência: Trabalho, educação e formação omnilateral. In L. M. Martins, A. A. Abrantes, & M. G. D Facci. (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: Do nascimento à velhice* (pp. 221-237). Autores Associados.

- Mandelli, M. T., Soares, D. H. P., & Lisboa, M. D. (2011). Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63 (no.spe.), 49-57.
- Mata, C. C., Oliveira, F. G., & Barros, V. A. (2017). EXPERIÊNCIA, ATIVIDADE, CORPO: REFLEXÕES NA CONFLUÊNCIA DA PSICOSSOCIOLOGIA DO TRABALHO E ERGOLOGIA. *Psicologia em Revista*, 23(1), 361-373.
- Minayo, M. C. S. (2010). O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. 12ª edição. Editora Hucitec.
- Oliveira, S. S., & Brito, J. C. (2011). A dimensão gestonária do trabalho e o debate de normas e valores no teleatendimento. *Trabalho, Educação & Saúde*, 9(supl.1), 265-284.
- Organização Mundial de Saúde (2016). *Determinantes Sociais e Riscos para a Saúde, Doenças Crônicas não transmissíveis e Saúde Mental*. Brasília. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5263:opas-oms-apoia-governos-no-objetivo-de-fortalecer-e-promover-a-saude-mental-dapopulacao&Itemid=839 Acesso em: 8 abr. 2021.
- Pablito, M. (2021). Mulheres negras e marxismo. In: Parks, L., Assis, O., & Cacau. C. (Orgs.). *Pele negra e rosto de mulher: terceirização, mulheres negras e luta de classes* (p. 87-110). Associação Operário Olavo Hansen.
- Pacheco, A. O. (2005). Manual de serviço do garçom. Editora Senac.
- Pedroso, P. R., & Gisi, M. L. (2020). A pandemia – Covid 19 e os impactos na juventude: educação e trabalho. *Revista Práxis*, 12(1), 185-194.

- Rizzi, J. A., Bianco, M. F., & Souza, E. M. (2020). Renormalizações do trabalho e infidelidades do meio na indústria vidreira: uma análise ergológica. *Revista Organizações & Sociedade*, 27(95), 757-786.
- Santos, E. F., & Scopinho, R. A. (2011). Fora do jogo? Jovens negros no mercado de trabalho. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63, 26-37.
- Sato, L., & Bernardo, M. H. (2005). Saúde mental e trabalho: os problemas que persistem. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(4), 869-878.
- Schwartz, Y., Duc, M., Durrive, L. (2010). O homem, o mercado e a cidade. In: Schwartz, Y., & Durrive, L. (Org.). *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (p.247-273.) 2.ed. Editora UFF.
- Silva, N. & Kassouf, A. L. (2002). A exclusão social dos jovens no mercado de trabalho brasileiro. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19(2), 99-115.
- Silva, S. C., Galeto, P. H., & Bastista, R. K. (2020). Juventude, Mundo do Trabalho e Vulnerabilidade Social: O Desemprego Juvenil no Brasil como Expressão da Condição de Subalternidade da Classe Trabalhadora. *Emancipação*, 20 (e2014836), 1-11.
- Souza, M. A. M., & Alves, M. Z. (2019). Projetos de vida, um conceito em construção. *Revista Ciências Humanas*, 20(2), 145-165.
- Souza, M. B. C. A., & Lussi, I. A. O. (2019). JUVENTUDE, TRABALHO INFORMAL E SAÚDE MENTAL. *Revista de Ciências Sociais*, 51, 126-144.
- Thomé, L. D., Pereira, A. S., & Koller, S. H. (2016). O desafio de conciliar trabalho e escola: características sociodemográficas e jovens trabalhadores e não-trabalhadores. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1), 101-109.

- Tolfo, S. R., & Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 38-46.
- Trinquet, P. (2010). TRABALHO E EDUCAÇÃO: O MÉTODO ERGOLÓGICO. *Revista HISTEDBR On-line*, 10(38), 93-113.